SIMÕES DIAS, VIDA E OBRA

Autobiografia de Simões Dias

O HONRADO e corajoso editor deste livro quis transcrever nestas páginas a minha biografia, escrita com favor por um jornalista notável, *apóstolo fervoroso da democracia portuguesa* [1]. Sucedeu, porém, que a crítica do meu generoso Plutarco resvalou em elogio académico - o que me obriga a agradecer a benevolência e a rejeitar o panegirico de prendas literárias que só a amizade podia atribuir-me. É a razão por que tão formoso trabalho mal pode caber aqui, à frente de um livro despretensioso e sincero. Também que lucraria o público com a ociosa notícia de uma existência gasta sobre os livros, desamparada de protecções e raro alumiada pelos furtivos clarões da alegria e da fortuna?

Lembrou o meu oficioso biógrafo que o seu biografado nascera a 5 de Fevereiro de 1844 na Benfeita, pequena aldeia beirã; que de 1854 a 1857 estudara latim em Pedrógão Grande, pátria de Miguel Leitão d'Andrade; que em 1858 tinha concluído o curso dos liceus e três anos depois o curso teológico do Seminário de Coimbra; que desde 1861 até 1868, em que terminou a sua formatura laureada com as primeiras classificações universitárias, vivera exclusivamente da pena e da palavra, já escrevendo nos jornais literários daquela época, alheios e seus, já leccionando particularmente nas horas que os seus estudos académicos lhe deixavam livres; que por decreto de 30 de Dezembro de 1869 fora nomeado professor-proprietário da Cadeira de Línguas, Economia Rural e Administração Pública, da cidade de Elvas, donde fora transferido para o Liceu de Viseu em 1871; que a minha democrática pessoas recebera das mãos do ministro radical Eugénio Montero Rios a comenda de Isabel a Católica em atenção aos serviços (dizia ele) por mim prestados à literatura do vizinho reino. Faltou dizer que por igual motivo o *Fomento de las artes,* de Madrid e a *Sociedade economica Bar-*

---

[1] Notícia da vida e escritos de J. Simões Dias, por Henrique d'Andrade, 1 vol, 1870.

Biblioteca Municipal Miguel Torga - Arganil

celloneza dos amigos do paiz, me enviaram o diploma de sócio-correspondente.

Vê tu agora, ó doce companheira da minha trabalhosa vida, que interesse despertaria no público a revelação de sucessos que nem sequer têm o valor de uma anedota curiosa! Deixemos pois o meu humilde passado e falemos do presente. Faz hoje quatro anos que o bom Deus de nossos pais nos abrigou sob o mesmo tecto, ao calor do mesmo lar, velando com as asas do seu infinito amor o santo amor da nossa pequena família. Escolhi este marco miliário da minha, da nossa existência, já agora perfumada pelos beijos da nossa estremecida filha, para te oferecer este livro. Desta forma pago uma dívida, devolvendo-te os melhores versos que tu me inspiráste e avivo com a lembrança deste dia a gratidão que te devo pelos carinhosos estremos da tua amizade. Quando lá no futuro os grandes olhos negros da nossa Judith, negros como duas amoras e castos como a inocência, percorrerem *estas páginas escritas dos dezóito aos vinte e oito anos,* lembra-lhe então que os não desvie desdenhosos deste papel público, onde seu pai glorificou três grandes sentimentos: - o *amor,* única salvação do indivíduo; a *pátria,* única salvação da família; e a *liberdade,* única salvação dos povos. Não receies que os meus versos possam turvar a límpida castidade da sua alma com os intuitos licenciosos que me atribuiram em Espanha [1] nem com sugestões menos patrióticas de cujo crime já fui denunciado [2] e muito menos com arrojos de impiedade tão alheios à minha convicção, barbaramente caluniada [3]. Um livro assim não é uma inutilidade; contudo creio que serão as *Peninsulares* os meus últimos versos. Deixando de poetar fico com um vício de menos, e quem sabe?, com uma saudade demais. Talvez, porquanto durante os dez anos que transviei pelas veredas do Parnaso, sempre a benevolência pública me andou generosa tapetando o caminho, de flores. Não só das altas regiões literárias da Península desceram a mim palavras de conforto, também das últimas camadas sociais vieram consolações ao meu encontro. Enquanto a Espanha traduzia os meus versos, enaltecendo-os com mais vivo colorido,

---

(1) Lit. Portug. en el siglo XIX, por D. Romero Ortiz. Madrid, 1871. Poetas líricos portugueses, por D. Luiz Vidart, Madrid, 1874.

(2) El poeta Português J. Simões Dias, artigo da Illustracion de Madrid, 1871.

(3) Nação, Bem público, Direito, etc..

Biblioteca Municipal Miguel Torga - Arganil

o povo das nossas Beiras os assimilava vulgarizando-os em suas toadas, nos serões, nas romarias e nas sestas, levando-os de porta em porta na voz dos cegos e dos mendigos. Portanto as portas do Eden, se tal se pode chamar aos domínios da poesia, não me ficam vedadas pela espada flamejante do arcanjo bíblico. Suspendo a lira voluntariamente. Ser poeta, diz C. Castelo Branco, é querer encravar a roda teimosa das coisas e ficar com o braço partido. Não vale a pena. No século presente todo positivo e materialista, o verso que é a linguagem da imaginação tem de ceder o lugar à prosa que é a linguagem da razão.

Concluo desviando o meu espírito da realidade externa para o abismar todo nas profundezas desse poético e incomparável amor de família representado em ti, ó fiel companheira e santa mãe de minha filha.

27 de Setembro de 1876.

«É com esta autobiografia que o poeta abre a nova edição do volume As Peninsulares, *publicada pela Livraria Académica, Viseu, 1896. A edição é dedicada pelo autor a sua esposa, D. Maria Henriqueta de Menezes e Albuquerque».*

Biblioteca Municipal Miguel Torga - Arganil